

A inutilidade, a morte e a libertação no *Diário de um Homem Supérfluo* de Ivan Turguêniev

Nalberty Medeiros Santos
Universidade do Estado da Paraíba
nalbertymedeiros@gmail.com

Gilmara Coutinho Pereira
Universidade do Estado da Paraíba
gilmara.coutinho.uepb@gmail.com

Nesse trabalho, faz-se, primeiramente, uma pequena análise ou síntese do texto *Diário de um homem supérfluo*, para na sequência elaborar com base no personagem Tchulkatúrin o perfil do homem escusado, cotejando aquele com e a partir das vozes de outros autores da literatura e da filosofia, tendo como objetivo delinear o ser-supérfluo e o seu movimento na existência, desse enquanto expressão da insignificância, da estética da comicidade ou pateticidade humana. Consequente, mostrar-se-á o moto desse ser para além dele mesmo, sua passagem da superficialidade para o não-supérfluo, na perspectiva paradoxal e emblemática do reconhecimento e contemplação dos instantes antes da morte como modo de superação dessa característica ou ainda da superação da própria ideia de morte. No entanto, esse reconhecimento da morte como superação tanto da superficialidade quanto da morte, não refere-se, nesse artigo, na aceitação ou ao ato de volver-se para a morte (suicídio), mas de que, Tchulkatúrin, nos momentos finais de sua existência superou todo querer e toda inquietação, alfim contemplou (no sentido Budista de ver as coisas como verdadeiramente são), que o ser-supérfluo é um autoengano, é expressão de uma vontade ilusória, ausência de clareza e simplicidade, como também compreendeu que tanto a vida como a morte são modos da existência.

Palavras-chave: Filosofia, Literatura, Superficialidade, Morte, Libertação.

Introdução

À pequena novela *Diário de um homem supérfluo* de Ivan Turguêniev (1818-1883), antoja-se a soturna trama de Tchulkatúrin, em que este narra um episódio de sua vida, em que ao partir para Oviétchia Vodál, com o intuito de nela permanecer por seis meses, em vista do que nomina de: “devido a uma série de circunstâncias de todo insignificantes [...] Encontrava-me na cidade de O... por assuntos de negócios”¹. Em seguida, de que ao chegar nessa cidade provinciana se aproximará dos Ojóguin, e no porvir cairá de amores pela filha destes, uma menina de dezessete anos denominada Elizavieta Kirillovna.

¹ Turguêniev, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*, São Paulo, 2018, p. 22-23.

Nesse sentido, narra o perpassar desse período, centrando especialmente nas semanas em que estava apaixonado por Lisa², e de que devido a tal amor não ter sido correspondido, como também em razão daquele em sua fútil tentativa de se afirmar, de querer ser o que jamais será, ou ainda por quicá não ensejar ser um ser supérfluo, quem sabe até mesmo por uma possível idealização do ser humano, a saber: por desejar ser como o príncipe N (um oficial que viera de Petersburgo atrás de novos recrutas), modo de ser que a sua superficialidade negava-lhe, e, por essa razão, descreverá a sua sensação e relação perante o oficial petersburguês com as seguintes palavras, que a sensação que sentiu era: “algo similar à inveja do moscovita acanhado e obscuro frente ao oficial brilhante petersburguês”³, ou ainda e paradoxalmente descreverá o príncipe da seguinte forma: “Não poderia deixar de reconhecer que o príncipe, deveras, era um jovem muito gentil... Eu o devorava com os olhos; juro, parece que me esquecia de piscar ao contemplá-lo”⁴.

Por consequência, traça um retrato fantástico e idealizado do seu adversário, retrato este que, no fundo, denota que o príncipe representava o seu querer ser, era a sua deificação do ser homem, no sentido de que talvez quisesse ser como aquele, ser querido por todos e especialmente por Lisa, visto que: “Lisa se apaixonou perdidamente pelo príncipe desde o primeiro instante”⁵.

Entretanto, devido a delirante fúria e inveja de não ser o homem amado por Lisa, travou duelo com o príncipe. Daí em diante, viu-se aniquilado, primeiro porque aquele poupou-lhe a vida, visto que: “somente os pedidos insistentes e constantes do próprio príncipe impediram que uma desgraça caísse sobre minha cabeça”⁶, segundo porque a partir desse momento aquela odiá-lo-á, de modo que: “Lisa tomou-se de ódio por mim desde o dia do duelo”⁷, ou ainda, aquele perceberá claramente que ela jamais lhe “devotou” quaisquer amores, e que os amores que esse pensou de Lisa ter, eram somente uma expressão de sua tolice.

É dentro desse cenário, que aquele relata a sua história, tentando apontar aos leitores, o porquê de ser um homem supérfluo, e que alfim de seus dias, não acrescentou nada, não teve qualquer proficuidade.

1 O homem supérfluo enquanto característica universal da humanidade

² Diminutivo ou epíteto de Elizavieta.

³ Ibid., p. 34.

⁴ Ibid., p. 38.

⁵ Ibid., p. 37.

⁶ Ibid., p. 56.

⁷ Ibid., p. 63.

Esse pequeno livro de Turguêniev, ao delinear a característica fundamental do ser do homem, desse enquanto ser insignificante, mostra a dupla expressão do nosso ente, a saber: I) a comicidade de uma efêmera vida, esta que resulta no irrisório e no ridículo como modo de ser, em que o ser humano foge da austera realidade por meio do cômico e da loucura, conseguinte II) o medo que resulta da ausência de sumidade da existência, isto é, de um ser (ou de um mundo) que não tem significado, que se manifesta em nada (é vazio) e, quiçá, esse ser seja semelhante a expressão que Nietzsche traçará, enquanto imo da nossa existência, denominando-o de: “o horror ao vácuo”⁸. Em que por causa desse pavor, o homem se prende a um objetivo, cria e enseja verdades inexistentes, sendo que o que mais teme é uma vida sem sentido, temendo tal cousa mais que o próprio nada. Por essa razão, faz daquelas “verdades” sua representação, faz da mentira seu modo de ser, e nessa ontologia enganosa, ludibria a si mesmo em vista de e para suas próprias miragens (verdades), sendo essas a sua atroz imagem do mundo, fonte de sua existência e de sua mediocridade.

O homem supérfluo é esse nada, horror e vazio, não no sentido de que nada queria, mas de que nada é, que nada pode ser, não importando o quanto tente, tudo está demarcado, descurado e, alfim, só segue o funesto teatro da existência.

Mísero homem debalde, e, para além desse, eis nessa inutilidade a expressão de todos os seres, característica da superficialidade presente no ser do homem, do ser que está sempre a esmo, que não vê sentido e que não tem sentido, em que o mundo se apresenta como vazio ou oco.

Nesse sentido, vê-se que o superficial como carácter do homem é mostrado primeiramente (se assim é possível afirmar) e de forma genuína, neste texto de Turguêniev, este que personifica o inútil a partir da imagem de Tchulkatúrín.

Por conseguinte, o ser escusado, entidade essa que vai e está além de Tchulkatúrín, que está presente em todos os seres humanos, enquanto universalidade da insignificância, aparecer-se-á e mostrar-se-á em todo o globo, à guisa de exemplo, no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o narrador-personagem desta obra, no seu pensar e sonhar o mundo, viu-se desesperado, tendo tolamente ludibriado a si mesmo, e sobre o fim de sua vida, das suas memórias de um defunto autor, anuncia que: “este último capítulo é todo de negativas”⁹. E, não tendo alcançado nada de grandioso, é similar a Tchulkatúrín, sendo ambos levados pelo acaso, pelo ser que no fim se expressa em nada, ou ainda poder-se-á citar, a título de exemplificação, alguns outros personagens que se enquadram

⁸ Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: Uma polêmica*, São Paulo, 1998, p. 87.

⁹ Assis, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Santa Catarina, 2012, p. 120.

nessa descrição, a saber: os personagens da *Teoria do Medalhão*¹⁰ e o volverem-se a arte de copista, o Popríschin no texto *Sonho de um Homem ridículo*¹¹, ou ainda O homem do subsolo¹².

No *Diário de um homem Supérfluo*, de forma tanto funesta quanto jocosa, Tchulkatúrin começa seu relato de pouca monta, no triste dizer de que está a perecer e, de que mesmo o seu desiderato em descrever há poucos dias da morte (pois está a expirar) sua história é uma comicidade, é uma ninharia perante a eternidade, sendo esta mesma, isto é, sendo: “a eternidade uma ninharia”¹³, um nada, um vazio.

Quiçá, a vida de Tchulkatúrin resumisse a isso, e os seus pequenos momentos ditosos, o seu amor, ou melhor, o pensar ser amado por Elizavieta Kirillovna, de forma anuente a eternidade postou-se também como ninharia, um devaneio. Porém, talvez tenha encontrado sentido nesse desvario, sendo uma das únicas sumidades de sua vida. Muito embora, no fim, esse desatino mostrou ser um tolhimento de si, ato que beira entre o espantoso e o patético. Mas não é essa característica que resume mais nitidamente o ser do homem? A saber: que o homem vive a ludibriar-se, a encobrir a sua acerba existência, revelando ser um eterno pateta. Eis aí a estética da “pateticidade universal”, cômica vontade de viver, querer sentido onde não existe sentido, onde nem mesmo o dizer, o querer explicar ou pensar o mundo faz sentido.

No início do seu diário, o protagonista faz um retrato de sua família, fala sobre sua mãe virtuosa, que administrava a casa e os bens, que fazia de tudo e por todos, como também que quitava todas as dívidas do marido viciado no jogo sem nunca o censurar, e que este, apesar do seu vício infame, mostrava-se sempre de forma bondosa e modesta, sendo sempre submisso e elogiando em todos os lugares a sua tão honrada e virtuosa esposa.

Em seguida, o retrato que delineia torna-se estranho, quando profere que apesar de ter o amor de sua mãe e de seu pai, não teve uma infância feliz, de forma que sobre os seus progenitores assere: “Ela me amava; mas eu não a amava. Exatamente! Esquivava-me de minha mãe virtuosa e amava com o ardor meu degenerado pai”¹⁴. Quiçá delineia esse quadro esquisito, em vista da ideia oitocentista da mulher como dona do lar e não como provedora, como também pela perplexidade do antojar um marido subsumido e dependente do dinheiro administrado pela esposa, e talvez seja por essa razão que Tchulkatúrin elucubra a seguinte frase sobre o seu o pai, que esse não tinha: “qualquer autoridade em sua própria casa nem importância alguma como homem”¹⁵.

¹⁰ Assis, Machado. *Papeis Avulsos*, Rio de Janeiro, 1882.

¹¹ Gógol, Nikolai. *O capote e outras histórias*, São Paulo, 2011.

¹² Dostoiévski, Fiódor. *Memórias do subsolo*, São Paulo, 2009.

¹³ Turguêniev, 2018, p. 9.

¹⁴ Turguêniev, op. cit., p. 11.

¹⁵ *Ibid.*, p. 10.

Apesar do desenho no qual projeta seus pais, a morte de ambos lhe causou espanto, especialmente a de seu pai, Aleksei Mikháílitch, ao vê-lo agonizando, contorcendo-se, enquanto a vida esvaía-se de seu corpo, de forma que sobre esse momento declara: “Atirei-me ao peito do meu pai, abracei-o e sussurrei: ‘Papai, papai...’. Jazia imóvel e com os olhos cerrados [...] Fixei o olhar em seu rosto – um pavor insuportável deixou-me sem ar; chorava de medo”¹⁶.

Posteriormente, ao detalhar a imagem de sua mãe, profere o seguinte: “nunca conheci uma mulher cuja virtude lhe proporcionasse menos satisfação. Sucumbiu sob o peso de sua própria dignidade”¹⁷. E, justifica tal proposição, com a constatação de que no decurso dos cinquenta anos que aquela viveu, ela esteve sempre móvel, sempre tentado fazer alguma coisa, negando a si mesma um momento de ócio, por essa razão tal movimento foi desprovido de utilidade, uma “tiranização” de si. De si (talvez), porque submeteu-se a austera realidade, no não censurar aquele que inundou a família em dívidas, que levou a venderem suas propriedades (com exceção da vila em Oviétchia Vodál), e que os fez (um tempo depois) ir para Moscou.

Essa mudança, inclusive, tem forte influência na formação do protagonista, porquanto tirá-lo-á daquilo que florescia sua vida, dos jardins de sua moradia, em suas palavras:

A esse jardim estão vinculadas quase que minhas únicas lembranças felizes [...] Oh, meu jardim, oh, trilhas tomadas pelo mato às margens da pequena lagoa! Oh, banco de areia sob a barragem em ruínas [...] Mais uma vez gostaria de [...] seguir com os olhos o movimento ágil do vento e do fluxo escuro que flui pela relva dourada do nosso prado¹⁸.

Retornando ao retrato de Tchulkatúrín acerca de sua mãe, vale salientar que este profere que a primeira vez que vislumbrou no rosto daquela uma expressão serena, foi quando esta jazia sobre o estofado de um caixão. De forma que essa serenidade adveio, porque, a morte tirou daquela um peso, quiçá a própria vida fosse um algoz, este que finalmente foi vencido, forçado a retirar-se, a esmaecer, de modo que sua progenitora finalmente desvelou a si mesma, tornou-se tranquila, amena, como se, depois dos horrores da pífia existência humana, pudesse: “se livrar da consciência martirizante da vida e dos sentimentos obsessivos e inquietantes da existência”¹⁹, em que pudesse finalmente descansar. Algo parecido com o supracitado dar-se-á com o próprio Tchulkatúrín nos seus momentos finais, quando seu espírito será preenchido por um estado de tranquilidade e simplicidade.

Tchulkatúrín, desde a época da morte de seus progenitores, já percebia uma funda dilaceração no peito: “sentia que algo terrível acontecia comigo... Então a morte encarou-me e tomou nota de

¹⁶ Turguêniev, 2018, p. 13.

¹⁷ Ibid., p. 10.

¹⁸ Ibid., p. 14-15.

¹⁹ Turguêniev, op. cit., p. 10.

mim”²⁰. Logo, desde a mais tenra idade tinha conhecimento daquilo que lhe “tomou nota” (lhe encarava), a morte, esta que doravante mostrará que aquele é uma ocasionalidade em uma história alheia a si mesmo.

No transcorrer de sua vida, novamente atingi-lo-á o destino, visto que, pensando ser amado por Elizavieta Kirílovna, tardiamente descobrirá que tal moça não lhe devotava amores, por essa razão proferirá: “Por mais cego e surdo que eu estivesse, no fundo não podia deixar de perceber que [...] ela simplesmente sequer pensava em mim”²¹. Todavia, como é de práxis, o homem apaixonado inventa e reinventa amores que são na verdade, meras quimeras. Mas essa invenção também é uma disposição da superficialidade, uma expressão do supérfluo, uma volição pelo querer ser ou ter.

No decurso de sua existência, o pensar ser amado foi o modo de curar aquilo que lhe encarava, lhe devorava, de tirar toda a sua superficialidade, pois: “era desconfiado, acanhado, irritadiço como todos os doentes”²², de forma que tais cousas tiravam-lhe qualquer ação, não podia ir contra a corrente²³ e, na verdade, somente: “apressava-me a isolar-me novamente”²⁴. Assim, o seu não-agir levava-o, e nesse sentido algo lhe chamava e buscava, e que até mesmo o seu ser supérfluo lhe era estranho: “embora não haja dúvidas de que eu seja um homem supérfluo, não o sou por vontade própria”²⁵, isto é, no fundo, Tchulkatúrín era cômico de que algo o empurrava para um abismo.

Ou ainda, a partir da constatação acima, pode-se afirmar que todo ser humano tem “consciência” dessa força estranha que o leva a querer ser e não ser, e nessa duplicidade o despedaça, afoga-o na indecisão, desejo, ilusão, na vida sem sentido. Como também que tal força tenebrosa, manifesta-se para além da novela aqui estudada, de maneira que aparecerá em outros textos da literatura russa, à guisa de exemplo, na novela *O amor de Mítia*, em que o personagem desta: “Sentia-se um sonâmbulo, submetido a uma vontade alheia e que avançava cada vez mais rápido para certo abismo fatal”²⁶. Logo, tanto esse texto de Iván Búnin como também o de Turguêniev expressam e levam a interpretação de que o ser humano ou o indivíduo inútil é levado por algo, que uma força estranha o submete.

²⁰ Ibid., p. 14.

²¹ Turguêniev, 2018, p. 39.

²² Ibid., p. 18.

²³ Esse é um termo Budista que diz respeito aquelas e aqueles que se voltam ao *Dhamma*, ao Buddha, a Sangha e ao *Nibbana*, ou ainda: “Buda disse que praticar o Darma é ser como um peixe que nada rio acima. Pois bem, nadar contra a corrente é uma viagem muito solitária [...] Porém, são os que nadam contra a corrente que chegam à nascente”. Palmo, Jetsunma Tenzin. No coração da vida: Sabedoria e compaixão para o cotidiano, Teresópolis, 2015, p. 75.

²⁴ Turguêniev, loc. cit.

²⁵ Ibid., p. 21.

²⁶ Búnin, Ivan. O Amor de Mítia, São Paulo, 2016, p. 96.

Assim, esvaecia Tchulkatúrin, visto que sentia dores semelhantes às de Mítia, como também às de Ivan Ilitch, este que, em sua tormenta notou: “eu estava caminhando cada vez mais perto, mais perto do abismo”²⁷. Abismo este que será evitado pelo primeiro e o terceiro personagens aqui citados.

Mas o homem supérfluo, em sua eterna tolice, voltou novamente a enganar a si mesmo, tornou-se um não-ser pensando ser, ser amado, e nesta “fantasmagorice” pensou ser pleno amor, em suas palavras: “desde o primeiro dia apaixonei-me por ela loucamente [...] aquelas três semanas foram as mais felizes da minha vida”²⁸. No entanto, no decurso de seus dias, perceberá que jamais foi amado por Lisa, como também que aquelas semanas felizes foram uma ilusão, personificação de sua inutilidade.

Tais coisas acertaram o seu cerne, expondo sua aparente e somente aparente ventura, em outras palavras: revelaram todas as mentiras, inverdades narradas para e pelo homem supérfluo. Revelaram que não era o protagonista nem mesmo em sua própria história, e que, na verdade, nada somava para os outros personagens, de forma que ele mesmo indagará sobre qual papel representou em uma história em que todos têm uma função, e que, funestamente, restou-lhe somente a de um homem supérfluo.

Por consequência, Tchulkatúrin é a expressão de um protagonista que não protagoniza nada, que não tem função, qualquer utilidade na história que está narrando e na qual é simultaneamente personagem e não-personagem, quer dizer, é personagem na medida em que conta sobre um episódio de sua vida, e é um não-personagem no sentido de que não acrescenta nada a ninguém ou a qualquer lugar, e, por conseguinte, de que sua história é uma não-história, em outros termos:

Mas agora me diga: sou ou não sou um homem supérfluo? Não desempenhei o papel de um homem supérfluo em toda essa história? O papel do príncipe... sobre ele não há nada a comentar [...] E eu? Onde me encaixo em tudo isso? A quinta roda estúpida de uma telega!... Ah, que amargura, que amargura estou sentindo²⁹.

Mas esse homem supérfluo é, para a estupefação geral, a imagem espelhada do ser do homem, é a expressão de sua essência e existência, de suas “verdades”, um não-ser nada no jogo (vida) que pensa jogar (viver), mas que, em verdade, nada é ou faz, nada realiza de útil, só espera sua desgraça, e até mesmo as “verdades” do mundo, resumem-se em lorotas: “Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismo [...] as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível”³⁰. Dessa forma, as verdades são

²⁷ Tolstói, Lev. A morte de Ivan Ilitch, São Paulo, 2009, p. 47.

²⁸ Turguêniev, 2018, p. 25.

²⁹ Ibid., p. 68.

³⁰ Nietzsche, Friedrich Wilhelm. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral, São Paulo, 2007, p. 36-37.

meramente inverdades, um autoengano, esquecimento da desventura humana, a saber: o desejo pela existência, pelo ser e o ter, como também pelo não ser.

2 A morte como libertação e tranquilidade

Tudo na vida é sem sentido, e essa vacuidade vem e esmaga a todos. Assim, aconteceu com Tchulkatúrin, este que pensou ter de Lisa os amores, um idílico beirando o desvario, e que, na verdade, foi esmagado pelo destino, viu-se sem nada, nem mesmo para contar ou que merecia ser narrado. Toda sua vida, tão tola quanto sua característica supérflua, resumia-se em: “tudo se derrete, cai e flui”³¹.

A morte estava à espreita, e aquele elucubrava: “resta-me pouquíssimo tempo”³². Desta maneira, sabia que algo lhe sugava para uma profundidade nunca vista antes, de modo que, ao contrário daqueles que: “viviam na miséria e amaldiçoavam seus destinos”³³, Tchulkatúrin aceitava aquilo que lhe perscrutava, sendo essa aceitação resultado do desconhecimento de sua verdadeira realidade.

E, dessa aceitação não tão passiva (ainda presa no desconhecimento supracitado), no sentido de que, nos quinze dias em que pensou ter o amor de Lisa, aquela pungente indecisão, taciturnidade e tormento que desde tempos imemoriais aparecia e tomava conta daquele, não se fazia presente, quiçá o fogo que ardia em seu peito fazia-o esquecer quaisquer sofrimentos, porquanto:

Naquela altura, encontrava-me no auge do meu primeiro amor [...] naquele estado de êxtase ardente e arrebatado, quando toda a alma segue com inocência e satisfação cada movimento de seu amado, quando você não consegue se saciar de sua presença e se fartar de ouvir sua voz³⁴.

Destarte, foi enleado pelo amor, de forma que no ápice de sua ilusão, narra um dos momentos mais marcantes de sua vida, sobre o qual assere: “ficou-me na memória um passeio por um bosque fora da cidade”³⁵, em que pela primeira vez passeou de braços dados com Lisa, e anelos sentiram a relva sob seus pés, uma doce brisa tocar nas árvores e em suas frentes, ouviram o gorjeio dos pássaros, como também contemplaram um fulgente crepúsculo.

Sobre este passeio, Tchulkatúrin doravante enunciará: “Lisa não estava nem um pouco apaixonada por mim”³⁶, e, apesar dessa constatação, afirma que nessa ocasião antolhou naquela uma

³¹ Turguêniev, op. cit., p. 68.

³² Ibid., p. 63.

³³ Dostoiévski, Fiódor. Uma história desagradável, São Paulo, 2016, p. 63.

³⁴ Turguêniev, 2018, p. 27.

³⁵ Ibid., p. 26.

³⁶ Turguêniev, op. cit., p. 27.

metamorfose, à qual nomina da euforia que intermedia a: “transformação da menina em mulher”³⁷. Nesse sentido, profere que essa transformação era imiscuída de inocência, insegurança e suavidade no antolhar e na voz, e que naquele momento, tolamente pensou ser ele a razão de tão suave expressão.

Ao que concerne ao auge do amor de Tchulkatúrín, esse traz à tona algumas considerações, primeira: representa o amor enquanto idílio, a poetização do ser que se expressa na busca pelo outro, ou conforme diz Byung-Chul Han: “O eros é precisamente uma relação com o outro”³⁸, e essa busca é descrita nesse amor primaveril, no amor de um doente, um amor que lhe tornou até salutar, que lhe fez esquecer os seus temores, sua fatalidade.

Uma segunda consideração ou interpretação: diz respeito ao amor enquanto ilusão, enquanto forma de ocultar a austera realidade, esta última na qual o ser humano esvaece e esquece da cruel sentença: “nada conseguirá daquilo que não deves conseguir”³⁹.

Pode-se ainda citar uma terceira interpretação, ao meditar sobre as citações supracitadas do texto do Turguêniev acerca do auge do amor e do passeio no bosque, em que na primeira há um louvor ao amor e, na segunda, em que o protagonista pensa ser ele a causa da mudança na mulher amada, de forma que tais passagens não representam um amor ao outro, mas um amor ao “eu”, sendo que esta última proposição, ao liar-se com a segunda consideração supracitada, a saber: com a ideia de amor como modo de ilusão, de véu que encobre o real, resultará na compreensão de que o amor de Tchulkatúrín era somente uma expressão dele e para ele, uma fuga e idealização de algo que lhe faltava, ou que desejava, mas que no fundo jamais poderia ter, ou nas palavras do tradutor do texto aqui estudado, Samuel Junqueira: “Tchulkatúrín passa toda a sua vida buscando o amor que lhe faltara na infância”⁴⁰.

Consequentemente, a partir do momento em que Tchulkatúrín travou duelo com o príncipe N, e logo após ter sido perdoado por este, deste ter abandonado Lisa, e que apesar do protagonista ter relatado as relações com os Ojóguin, nada mais lhe restou, seja em razão de Lisa o odiar ou que até mesmo suas tentativas de “salvá-la” mostraram-se inúteis. No fundo, todas essas ações foram em vista de salvar a si mesmo.

Todavia, tais ações foram vãs, primeiro: porque Lisa nunca precisou ser “salva” e nem amou Tchulkatúrín segundo: porque esse já se aproximava do vislumbrar fatal e final de sua insignificância, a insignificância de sua felicidade, visto que até mesmo os seus dias mais felizes, ao pensar ser amado por Lisa, de que talvez até esses fossem, em verdade, o sonho de um tresloucado, volição e capricho

³⁷ Ibid., p. 28.

³⁸ Han, Byung-Chul. A agonia do eros, Rio de Janeiro, 2017, p. 25.

³⁹ Eurípedes. Alceste, 2006, p. 13.

⁴⁰ Turguêniev, 2018, p. 92.

de um amor que achava ter, não tendo. E tão logo a verdade se mostrou e estando despida, aquele proferiu: “dei-me conta do prazer que um homem pode extrair da contemplação de sua própria desgraça”⁴¹. Restava-lhe somente isto, contemplar o seu próprio desdouro, sua desventura. Todavia, nessa apreciação, a própria desgraça perderá o sentido (como será exposto nos próximos parágrafos) frente a calma que preencherá a mente de Tchulkatúrin.

O homem supérfluo, observava aquilo que se anunciava, a “essência” do mundo, a Vontade no sentido Schopenhaueriano: “da Vontade sem fundamento”⁴², isto é, galgava nos seus últimos suspiros para a desgraça do espírito humano, para a morte, e sobre essa declara: “Ante a morte, as últimas futilidade terrenas se dissipam. Sinto que me acalmo; começo a ser mais simples e claro. Recobrei os sentidos tarde demais [...] É difícil para um ser vivo despedir-se da vida”⁴³.

No entanto, e, paradoxalmente, o débil homem supérfluo, expressão do ser do homem, do desejo (aparência) de “verdade”, do ser para a morte, vislumbrou no seu último suspiro uma certa plenitude, uma salvação, ou seja, contemplou a morte, esta que desde o início do seu relato ou ainda desde tempos imemoriais postou-se perante ele, e que, agora, abria-se para o homem supérfluo não mais como abismo, mas como salvação, removendo daquele o ser supérfluo do homem, o ser que teme, que esvai e jaz.

Eis aqui um dado curioso, e que, porventura, é essencial nessa fascinante novela de Turguêniev, em que a morte ou os momentos antes da morte são (além de ser aquilo que está na espreita, a encarar ou a chamar) devido ao ato de recobrar os sentidos e do desvanecer da inquietude e da confusão: um não-horror, uma libertação, sendo esta última no sentido de finalmente poder repousar, jamais na aceitação de lançar-se a morte (suicídio). E sim, na libertação como reconhecimento e aceitação tanto do sofrimento quanto da morte⁴⁴, em que se: “compreende as coisas como realmente são”⁴⁵, em que Tchulkatúrin enfim vê-se calmo.

Assim, nesse texto, os dizeres supracitados sobre a morte são, em certo sentido, anuentes a proposição Budista acerca do reconhecimento da morte, vida, dor, insatisfação e desejo enquanto expressão do *Dhamma*⁴⁶, sendo tal reconhecimento o modo de superação tanto da existência como também da própria morte e do sofrimento, sendo esta superação e realização nominada *Nibbana*⁴⁷.

⁴¹ Ibid., p. 57.

⁴² Schopenhauer, Arthur. O mundo como vontade e como representação, São Paulo, 2005, p. 231.

⁴³ Turguêniev, 2018, p. 69.

⁴⁴ Não é fácil dá adeus a vida, mas tal despedida além de ser necessária envolve todos os seres vivos, sendo a própria morte o outro lado da existência, da vida.

⁴⁵ Bodhi, Bhikkhu (org.). The connected discourses of the Buddha: a translation of the Samyutta Nikāya, Somerville, 2000, p. 1838. (Trad. Nossa).

⁴⁶ Essa é uma expressão em *Pāli* que diz respeito ao primeiro ensinamento do Buddha, e significa (a grosso modo) que todas as coisas que têm início têm por sua vez também um fim.

⁴⁷ “*Nibbāna* era a palavra usada para descrever o arroz quando está suficientemente frio para ser comido - uma sensação de arrefecimento sereno, uma sensação de à-vontade”. Candasiri, Ajahn. Pura Bondade, Inglaterra, 2017, p. 106.

Entretanto, vale salientar que no Budismo é asseverado que tanto a morte, como também a vida, dor, desejo, sofrimento e ignorância que prende a todos ao ciclo de *Samsāra*⁴⁸, que são aqueles que devem ser superados, e, não necessariamente ou somente a morte, já que essa faz parte e está submetida ao *Samsāra*, que àquela e a vida marcam o fim e o retornar de todos para a existência.

Portanto, a morte nesse livro de Turguêniev, parece com o Budismo no sentido de *Nibbana*, de morte como libertação, como não apego, simplicidade e calma, ou seja, em que Tchulkatúrin mostrou-se no fim consciente, não sendo mais supérfluo ou qualquer outra coisa, não desejando ser ou não ser, somente contemplou a morte, contemplou tudo com uma plena tranquilidade.

Nesse sentido, no fim de sua história ou não-história alcançou um estado de paz, de modo que diferente da vida do jovem Mítia, para quem: “não existia mais, nem podia existir, salvação”⁴⁹, pois este último sucumbiu ao abismo que se abriu aos seus pés, enquanto Tchulkatúrin encontrou no abismo o não-abismo, no fatal o não-fatal – a libertação.

Por fim, Tchulkatúrin, ao sentir as dolências do mundo, ao afirmar: “eis a morte chegando [...] Chegou a hora... Chegou a hora!...”⁵⁰, de forma anuente ao juiz de instrução Ivan Ilitch, este último que no fim de seus dias conseguiu um descanso para os tormentos e inquietações que tanto lhe afugentaram, de modo que: “Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. Onde ela está? Que morte? Não havia nenhum medo, porque também a morte não existia”⁵¹. Dessa mesma forma se sentiu Tchulkatúrin ao recuperar os sentidos, ao vislumbrar que tanto a apercepção que tinha de ser um ser supérfluo quanto a própria morte não mais causavam inutilidade, agitação e pavor.

Agora, seu espírito estava sossegado, porque no esvanecer de sua vida, na antessala da morte, finalmente superou o abismo no qual era forçado a volver, compreendeu que tal abissal “verdade” não mais estava à espreita, ou de que essa (enquanto abismo) não tinha qualquer essencialidade, por essa razão não se sentia mais inquieto ou desconfiado como um doente, pois agora: “A morte já não se aproxima com uma trovoada retumbante [...] ela está aqui, paira ao meu redor como a brisa suave”⁵². E, portanto, o homem supérfluo finalmente se salvou, porquanto: “perecendo deixo de ser supérfluo”⁵³, e por consequência: “A morte, portanto, não é nada”⁵⁴. E, assim, se encerra a vida de Tchulkatúrin, visto que nos momentos finais recobrou a razão e reconheceu a vida e a morte como

⁴⁸ “*Samsāra* [...] é o nome pelo qual é designado o mar da vida sempre inquieto elevando-se para cima e para baixo, o símbolo do contínuo processo de sempre, repetidamente, nascer, envelhecer, sofrer e morrer”. Khema, Ayya. *Being Nobody going nowhere: Meditation on the Buddhist path*, Somerville, 2006, p. 172. (Trad. Nossa).

⁴⁹ Búnin, 2016, p. 118.

⁵⁰ Turguêniev, 2018, p. 6.

⁵¹ Tolstói, 2009, p. 76.

⁵² Turguêniev, 2018, p. 71.

⁵³ Turguêniev, loc. cit.

⁵⁴ Epicuro. *Carta a felicidade*, São Paulo, 2002, p. 29.

partes da existência, por isso declarou: “Estou morrendo... Vivam, vivos!”⁵⁵, e em seguida, deixou esse mundo.

Conclusão

À guisa de conclusão, essa novela de Ivan Turguêniev, ao laborar sobre o reconhecimento da inutilidade como uma característica universal do homem, ou ainda do reconhecer que no fundo aquela é uma ausência de clareza, é uma futilidade, possibilita ao ser humano pensar para além desse modo de existência, possibilita meditar sobre a vida sem sentido e refletir que é na clareza e no recobrar dos sentidos que o homem pode superar o nada, o inútil, como também mostra que até mesmo o fim do ser escuso – a morte, que essa mesma não deve causar espanto, não vem como um barulho ou como uma trovoada, é somente o outro lado da existência, um vento ameno que baila ao redor.

⁵⁵ Turguêniev, op. cit. p. 71.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Santa Catarina: Avenida, 2012.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papeis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & c, 1882.
- BODHI, Bhikkhu (org.). **The connected discourses of the Buddha: a translation of the Samyutta Nikāya**. Translated From the Pāli by Bhikkhu Bodhi. Somerville, MA: Wisdom Publications, 2000. (Col. The teachings of the Buddha).
- BÚNIN, Ivan. **O Amor de Mítia**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2016. (Col. Leste).
- CANDASIRI, Ajahn. **Pura Bondade**. Trad. Alda Santos. Inglaterra: Publicações Sumedhārāma, 2017.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. 6. ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Uma história desagradável**. Trad. Priscila Marques. São Paulo: 34, 2016. (Col. Leste).
- EPICURO. **Carta a felicidade**. Trad. Álvaro Lorencine e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.
- EURÍPEDES. **Alceste**. Trad. João Baptista de Mello e Souza. 2006. Disponível em: <www.eBooksBrasil.org>. Acesso em: 27 dez. 2018.
- GÓGOL, Nikolai. **O capote e outras histórias**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2011.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia do eros**. Trad. Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- KHEMA, Ayya. **Being Nobody going nowhere: Meditation on the Buddhist path**. Somerville, MA: Wisdom Publications, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.
- PALMO, Jetsunma Tenzin. **No coração da vida: Sabedoria e compaixão para o cotidiano**. Trad. Jeanne Pilli e Lúcia Brito. Teresópolis: Lúcida Letra, 2014. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/snsc0se>>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.
- TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch**. 2. ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2009. (Col. Leste).
- TURGUÊNIEV, Ivan. **Diário de um homem supérfluo**. Trad. Samuel Junqueira. São Paulo: 34, 2018. (Col. Leste).